

REBARBAS DE UMA REVOLUÇÃO

Heliophar de A. Serra

Decorrido mais de quarto de século, e diferentes e contraditórias opiniões enfocam a Revolução de 64. Endeusam-na alguns acachapam-na outros.

Em verdade - como acentuou o arguto ex-prefeito e ex-deputado federal Dr. Fernando Luiz Alves Ribeiro - "a Revolução de 64 teve aspectos altamente positivos no desenvolvimento nacional!

Os setores, onde a transformação foi mais evidente, foram o da telecomunicações, da produção de energia elétrica, produção do álcool, correios e telégrafos, produção agro-pecuária de longo curso e tantos outros que foram bastante implementados. Basta dizer que o Brasil era antes a 46ª e é hoje a 8ª economia do mundo".

Mas, como em todo movimento revolucionário, houve excessos e Aquidauana pagou seu pesado tributo.

Os meses que antecederam a Revolução foram de real intranquilidade para nossa cidade. E depois também!

Corriam insistentes boatos de que homens armados, integrantes das ligas comunistas camponesas invadiriam, de surpresa, a cidade para assassinar as autoridades constituídas, a começar pelo prefeito municipal e pelo juiz de direito. Aumentando a inquietação, e reforçando o boato, surgiram "listas", que passavam de mão em mão nos bares da Rua 7 de Setembro e nas rodinhas que se formavam no Café do Zizi e nas suas imediações. Listas dos que seriam fuzilados.

Para contrabalançar a ameaça, e repelí-la, caso se concretizasse, organizou-se um esquema de segurança, do qual faziam parte, entre outros: - Dr. José M. F. Fragelli, Dr. Cláudio Fragelli (de Campo Grande), Dr. Fernando Luiz Alves Ribeiro, Heddy Simões, Eustórgio de Andrade, etc..

Certa noite aconselharam-nos a não pernoitar em nosso quarto para não ser apanhado preso e fuzilado. Deveríamos dormir no quintal, à sombra escura das árvores, de onde a fuga seria mais fácil até entrar em ação o esquema de segurança. Ficamos assustados, devéras. Entretanto, mais por comodismo que por valentia, permanecemos em nosso quarto, armado de revólver, dormindo de um olho só como jagunço corrido da polícia.

O ambiente continuava tenso e carregado até que, certa noite, fomos procurados no Cine Glória pelo Dr. Fernando Alves Ribeiro, filho ilustre do famoso Cel. Zelito, prefeito municipal de Aquidauana. Propôs que fôssemos conversar com o Cel. W.F., então comandante do 9º B. E. - Batalhão Carlos Camisão. Sondar com tato de que lado estaria o coronel. Do nosso lado, ou do lado dos comunistas? Concordando com a sugestão, trocamos o esporte por terno e gravata (sob os protestos do Dr. Fernando) e nos dirigimos ao 9º. B.E., sendo recebidos amavelmente. Conversamos durante oitenta minutos, e não conseguimos apurar coisíssima nenhuma. Amável nos recebeu, amável continuou e amável nos despediu... Durante a longa palestra, o Coronel não se definiu. (Posteriormente, comentaram os maldosos que o Cel. W, estava no "muro"...)

Em verdade, tão logo estourou a Revolução, e tão logo percebeu que seria uma Revolução vitoriosa, desencadeou, em Aquidauana, e nas circunvizinhanças, violentas ações e implantou um regime de terror, como talvez não tenha ocorrido em nenhum recanto deste imenso Brasil!

A população da Princesa do Sul foi apanhada de surpresa com o comportamento do Cel. W. F., que, no início do seu comando, revelou-se oficial disciplinado e disciplinador, severo mas equilibrado, vivendo no recesso de um lar bonito e cristão!

Por outro lado cultivou um carinho todo especial pelo 9º. B. E., CMB - Batalhão Carlos Camisão - tradicional e histórica unidade do nosso exército, única representante da arma de engenharia nos campos de batalha da Europa, e primeira tropa do Brasil a ser empregada em combate na Segunda Guerra Mundial, quando se cobriu de glórias.

Pelo comando do 9º. B. E. CMB passaram ilustres oficiais, todos eles benquistos, cultos, equilibrados, diplomatas, e que estabeleceram com a comunidade aquidauanense um clima de muito respeito, paz e harmonia e bem querer. Citamos entre outros: - major Edyr Portocarrero Peixoto, Cel. Ivan de Souza Mendes, Cel. Rubens Resstel, Cel. Amaury Simões dos Santos, Cel. Reginaldo Moreira Miranda, Cel. Dilson Alves Viana, Cel. Raymundo de Sá Peixoto.

Mas voltando ao tema, diariamente eram efetuadas prisões a qualquer hora do dia ou da noite! Prisões espalhafatosas, marcadas de rígido aparato militar. A viatura freitava na porta da pessoa visada, saltavam um oficial e mais 10 ou 15 soldados armados de fuzis e de metralhadoras, cercavam a casa e efetuavam a prisão como se o visado fosse elemento altamente perigoso, capaz de enfrentar à bala as patrulhas militares! Assim, foram presos destacados elementos da nossa sociedade, alguns das famílias tradicionais como os irmãos: - Dr. Rubens

Nunes da Cunha (médico), Dr. Leonardo Nunes da Cunha (Secretário da Educação, no governo do Dr. Wilson Barbosa Martins) e Dr. Afonso Nunes da Cunha (também advogado).

A prisão que mais chocou a cidade, entretanto, foi do cidadão Antonio Ramão Gonçalves, chefe de numerosa família, sogro do Dr. Rudel E. Trindade, membro do Diretório do PTB, cidadão estimado e respeitado por todos. Receoso de qualquer violência, - que campeava solta na rua -, Antoninho retirou-se para a Fazenda Volta Grande, distante 15 minutos da cidade. Lá a patrulha foi buscá-lo e o trouxe ajoelhado no assoalho de um caminhão. Na prisão, colocaram-no despido e de quando em vez eram-lhe atirados baldes de água fria.

Rudel E. Trindade, filho do prestigioso Cel. Antonio Trindade, tradicional e numerosa família da Princesa do Sul, médico extremamente humanitário, esteve certa ocasião sob a mira do Cel. W. F.. Bastou estar sob suspeita para que os amigos o evitassem, nas ruas. Disse-me ele:

- "Eu parecia leproso, Heliophar! Mal chegava a uma roda de amigos e logo todos, um por um, achavam uma desculpa para se retirarem, deixando-me sozinho. Sozinho e amargurado com a minha cidade e minha gente".

E assim decorreram semanas e semanas de terror!

Certo dia, à tarde, tivemos conhecimento de que Eloy Vasco de Toledo havia chegado de Cuiabá, preso, e fora recolhido à prisão do 9º B.E. CMB.

Eloy, também de tradicional família, era advogado culto, talentoso, honesto, equilibrado. Tinha sido excelente promotor de justiça da Comarca de Aquidauana. Fomos ao Quartel visitá-lo. Recebido com muita lhanza pelo comandante, o Cel. W. F., todavia foi peremptório:

- "Sinto muito, Dr. Heliophar. Mas, o Dr. Eloy está preso e incomunicável".

Não quisemos questionar. Quando nos retirávamos, o Coronel voltou atrás:

"Dr. Heliophar, pensando bem eu não posso negar um pedido feito pelo juiz de direito da minha comarca. O senhor não faz questão de conversar com ele no meu gabinete?", e ante nossa resposta negativa, mandou buscar Dr. Eloy. Percebemos (mas, não entendemos na ocasião) o olhar surpreso e interrogativo do oficial encarregado de cumprir a ordem.

Decorridos uns 50 minutos, surgiu escoltado o Dr. Eloy: barba sem fazer, magro, descabelado e ar de mil cansações. Ofereci-lhe cigarros - que ele os fumou avidamente. Iniciamos uma palestra diante do

coronel, que sentado à sua mesa, acompanhava disfarçadamente a nossa conversa. Falei-lhe da esposa e das crianças, assegurando-lhe que estavam bem, mas preocupados com o pai encarcerado. Depois de uns 15 minutos, dei por encerrada a visita. Perguntei ao Dr. Eloy se não precisava de roupa de lã e de cobertores, porque a noite estava muito fria. E o Dr. Eloy nos respondeu baixinho observando de soslaio o coronel:

- "Eu estou nu lá em baixo, Dr. Heliophar".

Ficamos estarecidos! Praticaram, realmente, a ignomínia de obrigar o Dr. Eloy, a pontacos de baioneta, de permanecer nu e deitado no piso úmido da prisão! Com a nossa visita, o Dr. Eloy perdeu o receio de ser morto, e reagiu, recuperando o direito de ser tratado com dignidade e decência.

É de se observar que essas violências foram praticadas apenas pelos aspirantes ou pelos tenentes, nunca pelos mais graduados, que se portaram com equilíbrio e serenidade. Aqueles, - porejando - incandescente patriotismo, caíram no exagero. Retiravam presos na calada da noite e os obrigavam a subir nas árvores lisas a peso de disparos de pistola calibre 45:

- "Subam nas árvores, seus macacos comunistas de m..."

Em verdade, foi um período triste e sombrio na história de Aquidauana, que nenhum aquidauanense de outrora gosta de relembrar.

Rebarbas de uma revolução naturalmente....